

A Utilização Da História No Decorrer Da Conquista Da América

Prof. Dr. Adailson José Rui
Universidade Federal de Alfnas, UNIFAL-MG.
E-mail: aj.rui@terra.com.br

RESUMO

Fazendo uso de obras escritas durante o século XVI e princípios do XVII que tratam da Conquista da América, apresentamos a forma como a História foi utilizada pelos historiadores da Conquista. Discute-se o uso da política na história como forma de legitimar ou contestar as realizações daqueles que participaram do processo da Conquista.

Palavras Chave: Conquista da América, Historiografia, Memória,

ABSTRACT

Making use of scrip works during the sixteenth century and early seventeenth centuries dealing with the Conquest of America, we present how the history has benn used by historians of the Conquest. It discusses the political use of history as a way to legitimize or challenge the achievements of those who took part in the Conquest.

Keywords: Conquest of America, Historiography, Memory

Introdução:

[...] a todo gênero de escritura, é e foi sempre preferida a História, porque é testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra dos costumes e mensageira fiel de toda a antiguidade. Pelo qual são os historiadores dignos de ser estimados, pois dão perpétua memória e fama a pessoas valiosas e a seus heróicos feitos (FERNANDEZ, 1963, p. CXX A tradução é de nossa autoria)¹

¹ [...] a todo género de escritura, es y fué siempre preferida la Historia, porque es testigo de los tiempos, luz de la verdad vida de la memoria, maestra de las costumbres y mensajera fiel de toda la

O fragmento em epígrafe faz parte da dedicatória da obra *História del Peru*, preparada por Diego Fernandez e dedicada ao rei da Espanha, Felipe II (1556-1598). Nele temos uma primeira ideia do valor atribuído ao longo do século XVI, à História. Ela traz a verdade, mantém a memória viva e ensina. Esses aspectos indicam a manutenção do conceito clássico de História cunhado por Heródoto: História *magistra vitae* (mestra da vida). Diego Fernandez, ao valorizar o historiador pelo trabalho que desempenha aponta para o uso político da História, como prática que se manifesta em diferentes formas. Neste artigo apresentamos algumas delas.

1- Funções da história

Dando continuidade à perspectiva desenvolvida na Antiguidade e na Idade Média de se fazer uso da História como instrumento que permitia a construção da memória histórica de forma a sustentar os interesses do presente, na América do século XVI, a História foi utilizada como instrumento manipulado que possibilitava perpetuar a memória dos grandes feitos; como mecanismo que permitia mostrar e divulgar as heróicas realizações de algumas personalidades ou dos grupos aos quais elas pertenciam com a finalidade de se obterem benefícios e recompensas por eles; como maneira de denunciar irregularidades como forma de se alcançar reparações; como meio de harmonizar ou pelo menos tentar harmonizar os valores culturais de grupos específicos (conquistadores, mestiços e nativos) e, como instrumento que propiciava o conhecimento ao qual se poderia desenvolver ações transformadoras.

A existência das diferenças e dos interesses particulares, bem como das consequentes explicações direcionadas, presentes nas obras produzidas na

antigüedad. Por lo cual, son los historiadores dignos de ser estimados, pues dan perpetua memoria y fama a personas valerosas y a sus heroicos hechos (FERNANDEZ, D. 1963, p. CXX).

América ou sobre ela no decorrer do século XVI, contribuíram para o desenvolvimento da História enquanto gênero, dando continuidade à nova perspectiva historiográfica colocada em prática, na Península Ibérica, a partir do século XII e acentuada no século XIII por Alfonso X, o Sábio (1252-1284), quando o uso político da história ganhou espaço na Península Ibérica. Neste século o aspecto político, presente no tradicional conceito - *magistra vitae* - passou a ser mais utilizado como instrumento que permitia justificar e legitimar as ações.

Os trabalhos, produzidos sob a orientação do rei Sábio, foram os primeiros que alteraram a forma tradicional de se escrever a história. A história, além de narrar fatos/acontecimentos, passou a oferecer interpretações e explicações para os fatos/acontecimentos narrados. O espírito crítico passou a fazer parte do ato de escrever a história¹. Diferenciava-se, assim, da prática comum no período anterior que, segundo Krzysztof Pomian (1975, p. 940-941), caracterizava-se pelo fato de o historiador limitar-se ao registro do presente, daquilo que podia conhecer diretamente. Segundo o mesmo autor, o conhecimento era entendido como apreensão imediata de um dado. Conhecer significava ver com os próprios olhos, tocar com as próprias mãos e ouvir com os próprios ouvidos. Isso justificava o registro do presente; o passado era transmitido sem ser questionado e apoiava-se no critério de autoridade reconhecida de quem fazia a transcrição, por isso o historiador copiava fielmente as suas fontes.

A partir da Baixa Idade Média, os historiadores desenvolveram uma nova forma de escrever a história, por meio da qual confrontavam as fontes e procuravam oferecer explicações para os acontecimentos relatados. Essa perspectiva foi amplamente desenvolvida durante o Renascimento, quando, além de apresentarem o heroísmo de um ancestral, abolindo nessa apresentação a importância da coletividade, passaram a enfatizar a fama do indivíduo que nesta época se destacava, também, pelo saber e pela capacidade racional de conduzir as ações, reduzindo o papel da providência divina, anteriormente colocada como motor da história. Nessa direção, os autores que escreveram sobre a Conquista da América, particularmente os leigos, tinham como meta relatar o "presente",

¹ Sobre essa temática, veja: RUI, A. J. A elaboração da História na Idade Média: o exemplo de Alfonso X, o Sábio In BONI, L. A. de (org.) *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 211-217 (Coleção Filosofia, 112) .

explicando aquilo que estava ocorrendo. É ilustrativo a esse respeito o comentário feito pelo escrivão real Agustín de Zarate ao dedicar ao rei Felipe II (1556-1598) a *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Perú, y de las guerras y cosas señaladas en ella*¹. Nas palavras do autor:

“Chegando ao Peru vi tantas revoltas e novidades naquela terra, que me pareceu coisa digna de registrar, logo depois de ter escrito sobre o meu tempo, percebi que não se podia entender bem, senão fosse apresentado alguns antecedentes referentes a origem (dos acontecimentos do presente); e assim de grau em grau fui recuando até encontrar-me no descobrimento da terra; porque vão os negócios tão dependentes uns dos outros, que por qualquer que falte não tem os que seguem a claridade necessária; o qual me compeliu a começar (como dizem) do ovo troiano. (ZARATE, 1947 p.459 – A tradução é de nossa autoria)²

Os autores, que escreveram sobre a Conquista no decorrer do século XVI, narravam a história da qual direta ou indiretamente haviam participado, porém sempre enaltecendo as suas próprias realizações ou as daqueles que os mandaram escrever. Agustín de Zarate, por exemplo, demonstra-se sempre fiel à Coroa e aos interesses dela no Peru. Essa perspectiva assumida pelos “historiadores” do século XVI e princípios do XVII que escreveram sobre a América conduziu ao desenvolvimento de uma nova concepção de “verdade” que consistia em ter e dar provas convincentes que pudessem explicar, justificar e legitimar os seus interesses. As “provas” podiam ser tanto a participação direta, como testemunhos deles nos episódios descritos, como as informações conseguidas em documentos ou ainda, o recurso a outros autores que consideravam fidedignos; a história não deveria limitar-se ao fato, mas sim deveria explicá-lo. É nesta perspectiva que encontramos os autores das crônicas e histórias da Conquista, independentemente da categoria social a que pertenciam.

¹ Agustín de Zarate chegou à América na companhia do vice-rei Blasco Nuñez Vela em 1544, no decorrer da guerra travada entre os herdeiros de Francisco Pizarro e a Coroa.

² “Llegados Allá [Peru] vi tantas revoltas y novedades en aquella tierra, que me pareció cosa digna de ponerse por memoria, aunque, después de escrito lo de mi tiempo, conocí que no se podia bien entender si no se declaraban algunos presupuestos, de donde aquello toma su origen; y así, de grado en grado fui subiendo hasta hallarme en el descubrimiento de la tierra; porque van los negocios tan dependentes unos de otros, que por cualquiera que falte no tienen los que siguen la claridade necesaria; lo cual me compelió á comenzar (como dicen) del huevo trojano[ZARATE, 1947, p. 459].

1.1- Os primeiros testemunhos da Conquista

No decorrer do século XVI, a Conquista avançava e as narrativas sobre ela começaram a aparecer impulsionando a conquista na medida em que divulgavam tanto as dificuldades superadas e a forma de os conquistadores tornarem-se “heróis”, assim como as fabulosas riquezas que ofereciam as novas terras.

Entre as narrativas que se tornaram fontes para a elaboração das primeiras Histórias, encontram-se as *Cartas de Relación* elaboradas pelos primeiros conquistadores, como: Hernán Cortés, Pedro de Albarado, Diego Godoy e Pedro de Valdivia e os depoimentos orais daqueles que, de alguma forma, viveram a primeira fase do processo de conquista.

1.1.1- As *Cartas de Relación*

Entre as primeiras *Cartas de Relación*, encontram-se as escritas por Hernán Cortés ao Imperador Carlos V (1500-1558) sobre a conquista do México. Nelas, o autor oferece-nos a possibilidade de percebermos a divergência cultural entre os nativos e os conquistadores. Cortés, um conquistador que havia estudado na Universidade de Salamanca antes de ir para a América, em 1504, foi membro da expedição comandada pelo capitão Diego Velázquez, cuja missão era conquistar Cuba. Realizada essa conquista, coube a Cortés organizar e levar adiante a expedição que iria conquistar a Península do Yucatan, recém-descoberta (MARTINELL GIFRE, 1992, p. 28).

O desenvolvimento desta empresa foi por ele interpretado como uma nova cruzada, cujos objetivos eram engrandecer a Espanha mediante a conquista de novos territórios, a evangelização dos povos encontrados e a submissão desses ao Imperador Carlos V (Carlos I da Espanha) que havia recebido da Igreja a missão de evangelizar os povos recém-contatados.

Esses objetivos de Cortés para a conquista devem-se ao seu posicionamento

ético típico do Renascimento, que valoriza o indivíduo, centralizando sua defesa somente na própria razão, ao mesmo tempo em que mantém traços medievais que identificam a nova evangelização semelhante à cruzada. Porém, esse comportamento de Cortés deve-se à manutenção de três virtudes clássicas: a fidelidade a uma vocação, o compromisso com a lealdade e o sentimento de honra. Sobre essas virtudes, Cortés constrói uma ética de situação, própria para cada momento (ALONSO BAQUER, 1992, p.97).

Inserido nessa perspectiva, Cortés via a Conquista do México como um compromisso de fidelidade que proporcionaria a expansão dos domínios da Espanha e da Cristandade. Compreendia a Conquista como um projeto que estava além dos propósitos comerciais, como os almejados pelo governador de Cuba, Diego Velázquez, denunciado por Cortés, na primeira *Carta de Relación*, como desleal e infiel a Carlos V¹. Tal denúncia deu lugar aos primeiros conflitos de lealdade que marcariam a conquista do México (ALONSO BAQUER, 1992, p.98).

Porém, se por um lado a ética renascentista proporcionou o surgimento deste tipo de conflito; por outro, foi um dos aspectos que constituíram a personalidade moral de Cortés, o qual tinha na fidelidade e na honra o seu alfa e ômega (ALONSO BAQUER, 1992, p. 97). A personalidade de Cortés revela a permanência de valores típicos da Idade Média manifestados, por exemplo, na fidelidade ao Imperador, na crença e na missão de expandir a fé católica, por meio da conquista do México, cujas etapas ficaram, também, registradas nas cinco *Cartas de Relación* enviadas a Carlos V.

As informações contidas nas cartas de Cortés complementam-se com as enviadas por integrantes de tropas que, sob as suas ordens, realizaram expedições em outras partes do território da Confederação Asteca. Entre essas, destacamos as do capitão Pedro de Albarado que tratam, entre outros assuntos, dos trabalhos e dificuldades enfrentadas para pacificar as “províncias” de *Chapotulan*, *Checialtenengo* e *Utlatan*; e a do escrivão Diego Godoy, em que são narradas lutas e

¹ Por exemplo, na primeira *Carta de Relación*, Cortés denuncia Diego Velazquez de ter forjado uma legislação real para obter o trabalho forçado dos indígenas na extração de ouro (CORTES,1946, p. 02). Bernal Diaz del Castillo vai além, afirmando que Diego Velazquez “comprou” os votos dos ouvidores do Conselho das Índias dando-lhes “*pueblos de indios en la isla de Cuba, que les sacaban oro de las minas*” e, em consequência, os ouvidores atendiam as solicitações de Diego Velazquez (DIAZ DEL CASTILLO,1947, p. 14).

conflitos enfrentados contra os índios da “província” de *Chamula* e do *Repartimiento* de índios e também as cartas deixadas por Pedro de Valdivia, conquistador e posteriormente governador do Chile de 1545 a 1552. Sobre a conquista, foram escritas por ele onze cartas dirigidas a diferentes destinatários, entre os quais estão o Imperador, a Corte, o Conselho das Índias e Hernando Pizarro, chefe militar da conquista do Peru (VALDIVIA, 1960, p. 1-74). Nessas cartas, relata os trabalhos realizados para conquistar e manter o domínio sobre o Vale do Mapoucho e terras circunvizinhas. O conteúdo dessas cartas foi utilizado por Alonso de Gongora Marmolejo e Pedro Mariño de Lobera, entre outros autores do século XVI, que escreveram sobre a conquista do território do Chile.

2- As primeiras histórias sobre a Conquista da América

Entre as primeiras Histórias produzidas sobre a Conquista que tiveram como fonte os relatos diretos dos conquistadores, sejam escritos ou orais, encontra-se a *Historia General de Índias* e a *Historia de la Conquista de Mexico*, ambas de Francisco Lopes de Gomara; a *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Peru, y de las guerras y cosas señaladas en ella* de Agustín de Zarate e a *Historia del Peru* de Diego Fernandez.

Francisco Lopez de Gomara nasceu em Gomara em 1511, estudou na Universidade de Alcalá de Henares e, ordenado sacerdote, foi professor de retórica na mesma instituição. Durante o período de 1531 a 1541, esteve na Itália onde conviveu com os principais integrantes do movimento humanista. De lá, regressou com a expedição de Carlos V que combatia em Spezzia onde conheceu Hernán Cortés, passando a ser o capelão da sua família. Foi um dos primeiros a utilizar as *Cartas de Relação* como fontes para a elaboração da História da Conquista. Conheceu particularmente o conteúdo das elaboradas por Cortés e ouviu os depoimentos orais do próprio conquistador. Obteve informações de outros conquistadores como Pedro Mártir de Anglería, Gonzalo Fernández de Oviedo, Andrés de Tapia e frei Toribio de Motolinía. Partindo dessas informações, sem nunca ter estado na América, elaborou a sua versão da História da Conquista em

duas partes. Na primeira, apresenta uma história geral da conquista e, na segunda, uma biografia (oficial) de Hernán Cortés¹. O vínculo de Lopez de Gomara com Cortés, associado à tendência de valorização do indivíduo presente no Renascimento, ajuda-nos a compreender as razões que levaram Gomara a exaltar Cortés apresentando-o como o único condutor da conquista, o líder eminente, cuja imagem é enfatizada mediante os exageros nas dimensões das dificuldades superadas pelos conquistadores, graças à atuação de Cortés.

Em relação à conquista do império Inca, além da *Historia General de Indias* de Francisco Lopes de Gomara, encontramos também a presença direta daqueles que participaram da conquista e dos conflitos a ela internos na *Historia del Peru* de Diego Fernandez e na *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Peru, y de las guerras y cosas señaladas en ella* de Agustin de Zarate. Sobre Diego Fernandez, sabemos que esteve no Peru no período da guerra civil, provocada pela implantação das *Ordenanzas* de 1542, de Carlos V, em função dos abusos dos *encomenderos* em relação aos índios, segundo as denúncias de Bartolomeu de las Casas, entre outros. Foi morador de Palencia (titulação que fazia questão de manter, ligada ao seu nome, para garantir os benefícios do *Repartimiento* de índios) nomeado escrivão pelo vice rei do Peru, Andrés Hurtado, historiador e cronista, conforme afirmado pelo próprio Diego Fernandez no início da segunda parte da sua obra:

Depois veio como vice-rei do Peru don Andrés Hurtado de Mendoza, marques de Cañete, e entendendo o que fiz e aquilo em que me ocupei, nomeou-me como historiador e cronista daqueles reinos, mandando (pelo título que para isso me deu) que eu começasse a escrever a partir da ida do presidente Gasca do Peru para a Espanha, pressupondo o vice rei (segundo disse) que o descobrimento daquela terra e as paixões do marques don Francisco Pizarro e todo o mais que precedeu, já havia sido escrito por outros autores, divulgado e impresso (FERNANDEZ, 1963,p. 242-243 / a tradução é de nossa autoria)²

¹ A primeira publicação da obra de Francisco Lopes de Gomara ocorreu em 1552, em Zaragoza, sendo reimpressa em 1553, em Medina del Campo, e, em 1554, em Amberés, e novamente em Zaragoza.

² Después vino por visorrey del Perú don Andrés Hurtado de Mendoza, marqués de Cañete, y entendiendo lo que yo habia servido y aquello en que me había ocupado, nombróme por historiador y cronista de aquellos reinos, mandando (por el título que para ello me dió) que yo comenzase a escribir desde que el presidente Gasca salió del Perú para España, presuponiendo el visorrey (según dijo) que el descubrimiento de aquella tierra y las pasiones del marqués don Francisco Pizarro y de don Diego de Almagro y la tirania de Gonzalo Pizarro y todo lo demás que habia precedido, estaba ya por otros autores escrito, divulgado e impresso (FERNANDEZ, 1963, p. 242-

A *Historia del Peru* está dividida em duas partes. Na primeira, narra os acontecimentos que geraram a guerra civil: o confronto entre o governador Gonzalo Pizarro, rebelado contra as *novas leis*, e o primeiro vice-rei do Peru, Blasco Nuñez Vela, encarregado de implementá-los. Na segunda, dá ênfase aos acontecimentos ocorridos após a derrota de Gonzalo Pizarro pelas forças do vice-rei. No conjunto, trata-se de uma obra de caráter oficial cujo objetivo principal é o de exaltar os feitos do vice-rei.

Agustin de Zarate chegou à América na companhia do vice- rei Blasco Nuñez Vela em 1544, no decorrer da guerra travada entre os herdeiros de Francisco Pizarro e a Coroa. Escreveu a *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Peru, y de las guerras y cosas señaladas en ella* como resultado das investigações por ele realizadas para entender o que se passava. A História por ele escrita foi publicada pela primeira vez em Ambéres, em 1555.

As obras de Diego Fernandez e as de Agustin de Zarate juntamente com as de Francisco Lopes de Gomara, foram utilizadas pelos contemporâneos como roteiro e parâmetro na elaboração de outras versões para a história da Conquista. No entanto, entre elas existe uma diferença: enquanto as obras de Diego Fernandes e Agustin de Zarate foram utilizadas como uma espécie de banco de dados que auxiliavam os autores a explicar e justificar os relatos que escreviam, a de Gomara foi utilizada como fonte de contestação e inspiradora de novas versões para a História da Conquista.

Autores como Bernal Diaz del Castillo, Fernando Alva Ixotlichtil, Diego Muñoz Camargo e o Inca Garcilaso de la Vega contestaram a obra de Gomara, pois nela não viam a presença da *verdade*. Francisco Lopes de Gomara apresentava a Conquista como uma façanha exclusiva de Cortés, omitindo ou esquecendo capitães e nativos que participaram da empresa. Para os autores oriundos dessas categorias, a *verdade* precisava ser registrada. Já a utilização da obra de Diego Fernandez e de Agustin de Zarate não foi a mesma seguida pelos contestadores de Francisco Lopez de Gomara; as obras por eles redigidas serviram mais como “banco de dados” do que como objeto de contestação. Entre os autores que

fizeram uso dela, encontra-se o Inca Garcilaso de la Vega, que se serviu delas para retirar as “informações que considerava como verídicas”, e contestar muitos episódios descritos por Gomara na *Historia General de la Conquista de Indias*, particularmente os que se referiam à conquista do Império Inca.

Embora exista um intervalo de tempo entre o período de elaboração dessas obras e as produzidas a partir delas, é significativo destacar a forma como os autores abordavam aquilo que consideravam como *verdade*. No entanto, destacamos que cada autor manifestou a verdade de acordo com os valores que seguia. Por exemplo, enquanto para Gomara a *verdade* permanecia ancorada em características medievais a história conduzida por Deus e pela ação dos grandes homens; para os cronistas posteriores, a *verdade* estava relacionada com aquilo que podia ser provado. Seguindo essa perspectiva, procuravam registrar a importância e a “utilidade” para o Império não só dos líderes, mas de todos aqueles que foram excluídos dos relatos oficiais. Contudo, nenhuma delas é uma história total, mas sim novas versões da história nas quais, quem escrevia, procurava documentar as suas origens e a sua contribuição para o sucesso da Conquista, ampliando o número de protagonistas e a possibilidade, também, de participar das glórias e dos lucros angariados.

2.1- Versões e protagonistas das histórias da Conquista

A prática dos primeiros autores das histórias sobre a conquista, de terem como meta perpetuar a memória daqueles que consideravam heróis, resultou em contestação por aqueles que participaram, de fato, da conquista da América. Ao exaltarem, pois, as ações heróicas de alguns, anulavam a participação de muitos outros que se consideravam também agentes fundamentais no processo de conquista. A observação dessa situação contribuiu para o surgimento de várias versões da história da conquista, elaboradas por aqueles que participaram diretamente das lutas e confrontos travados com os nativos.

Por meio da História, aqueles que se viram ausentes ou esquecidos, nas narrativas, encontraram a forma de se fazerem presentes. Com isto, além de repararem a injustiça, passavam a ter um registro no qual atestavam o desempenho que tiveram no decorrer da conquista. Seguindo essa perspectiva, a História passou a ser utilizada como meio de fazer valer interesses específicos, entre esses, ressaltamos o desejo que os autores tinham de destacar sua própria contribuição ou da categoria a que pertenciam ou, ainda, do seu povo; idealizar os povos que, mediante a integração racial e social, estavam formando a sociedade americana; de denunciar os maus tratos praticados nos nativos tanto pelos conquistadores leigos como pelos religiosos e conhecer a cultura dos nativos para transformá-la ou adaptá-la aos valores que integravam a cultura dos recém-chegados. Esses interesses estão relacionados aos diferentes grupos sociais a que os autores pertenciam: religiosos, leigos, mestiços e nativos.

Entre as obras elaboradas por religiosos, destacamos a *Historia de la Conquista de México* e a *Historia General de la Conquista de Indias* ambas de Francisco Lopez de Gomara. Consideramos também, como pertencentes a essas categorias, as obras *Crónica del Reino do Chile* de Pedro Mariño de Lobera e a *Historia de Chile* de Alonso Gongora Marmolejo. Pedro Mariño de Lobera e Alonso Gongora Marmolejo eram leigos, no entanto, as obras por eles produzidas foram refundidas por jesuítas, dando a elas características semelhantes às elaboradas por religiosos.

Dentre as obras elaboradas por leigos encontram-se: *Crónicas del Peru* de Diego Fernandez; *Historia Verdadeira de la Conquista de Nueva España* de Bernal Diaz del Castillo; *Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Peru y de las guerras y cosas señaladas en ella* de Agustin de Zarate; *Verdadera Relación de la Conquista del Peru y Provincia de Cuzco llamada la Nueva Castiela* de Francisco de Jerez. Do rol das obras elaboradas por mestiços, estão: *Comentarios Reales de los Incas* do Inca Garcilaso de la Vega; *Historia de Tlaxcala* de Diego Muñoz Camargo.

Entre as obras elaboradas por nativos, destacamos: *Relación de la venida de los españoles y principio de ley evangélica* de Fernando Alva Ixtlilxochitl, *Historia General de las cosas de Nueva-España*, organizada por Bernardino de Sahagún, e *Nueva Coronica y Buen Gobierno* de Felipe Guamam Poma de Ayala.

A não percepção dessas categorias (religiosas, leigas, mestiças e nativas) levou Héctor José Tanzi (1987, p. 65-111) a afirmar que as obras produzidas na América ou sobre ela no decorrer do século XVI possuem um caráter uniforme, centralizado na perspectiva dos conquistadores¹. Não concordamos com esse posicionamento, pois, conforme mencionado, não podemos conceber a “perspectiva dos conquistadores” como sendo algo homogêneo. Os autores desse período pertencem a categorias sociais distintas, motivo que os levou a expressar, em seus textos, diferentes versões dos acontecimentos que fizeram parte da Conquista. Manifestam, portanto, visões de mundo diferenciadas².

Constituem essas "visões de mundo" características medievais, modernas (renascentistas) e as sincréticas, desenvolvidas a partir do encontro entre as culturas "ibéricas" e as nativas. Entre as medievais podemos citar a preocupação com a cronologia, a confiança na providência divina e a exaltação de um “herói”; entre as modernas (renascentistas), destacamos: o individualismo, a propaganda dos feitos e a busca da fama; entre as sincréticas, ressaltamos a valorização de aspectos da cultura local (nativa) e as novas interpretações dadas por eles a tais aspectos.

No decorrer do século XVI e princípios do século XVII, o relato histórico constituiu-se num *documento*, não só no sentido de registro da memória, mas como documento de valor legal que dava garantia de privilégios a quem houvesse feito parte dos episódios registrados.

2.1.1-A história como instrumento de legitimidade

Bernal Diaz del Castillo é um dos autores que optaram por escrever uma versão própria da história, como forma de registrar a sua participação efetiva na

¹ Hector José Tanzi chega a tal conclusão tendo como referência obras gerais como: "*Decadas De Orbe Novo*" de Pedro Martis de Angleria, "*La Historia General de los hechos de los castellanos en las islas y tierra firme del Mar Oceano*" de Antonio de Tordesillas; "*Historia General y natural de la Indias*" de Gonzalo Fernandez de Oviedo e, "*Historia Natural y Moral de las Indias*" do Pe. José de Acosta.

² Para o século XVI, temos que entender visão de mundo como o conjunto de aspirações, de

empresa da Conquista. Nasceu entre 1495 e 1496, em Medina del Campo, onde seu pai era “regidor”; chegou às Índias, em 1514, como integrante do grupo que acompanhava Pedrarias Dávila, sendo nomeado governador de *Tierra Firme*. Em 1517 fez parte da expedição à costa do Yucatan comandada por Francisco Hernández de Córdoba; retornando a esse local com a expedição de Juan de Grijalba e, na seqüência, fez parte da expedição comandada por Cortés que resultaria na conquista de Tenochtitlán.

A sua versão da conquista ficou registrada na obra *Historia Verdadera de los Sucesos de la Conquista de la Nueva-España* elaborada durante a sua velhice, quando já haviam passado muitos anos da sua participação nas expedições referidas¹. Com o intuito de registrar as suas lembranças, iniciou uma *Relación* que, segundo o próprio depoimento, abandonou logo por verificar que não possuía boas qualidades de escritor se comparado à obra de Francisco López de Gomara. Nas palavras de Bernal Diaz:

Estando escrevendo esta relação, por acaso vi uma história de bom estilo atribuída a Francisco Lopez de Gómara, que trata das conquistas do México e da Nova Espanha, e quando li sua grande retórica e como minha obra é tão grosseira, deixei de escrevê-la, e ainda tive vergonha que ela aparecesse entre pessoas notáveis. (DIAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 14 / A tradução é de nossa autoria)²

Mas, se Bernal Diaz sente a sua inferioridade como escritor, não resiste quando percebe as contradições entre o narrado anteriormente e aquilo que, segundo ele, realmente se passou:

[...] e estando tão perplexo tornei a ler e a olhar as razões e os feitos que Gómara escreveu em seus livros, e vi que não era uma boa relação nem no princípio, nem no meio e nem no final, pois o relatado era muito contrário daquilo que foi e se passou na Nova-Espanha (DIAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 15/ a tradução é de nossa autoria).³

sentimentos e de idéias pertencentes ao indivíduo, e não ao grupo.

¹ *Historia Verdadera de los Sucesos de la Conquista de la Nueva-España* foi publicada pela primeira vez em Madrid pela Imprensa Real em 1632.

² Estando escribiendo esta relación acaso vi una historia de buen estilo, la cual se nombra de un Francisco Lopez de Gómara, que habla de las conquistas de Mejico y Nueva-España, y cuando lei su gran retorica y como mi obra es tan grosera, dejé de escribir en ella y aun tuve ‘vergüenza’ que pareciese entre personas notables[...] (DIAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 14)

³ [...] y estando tan perplejo como digo, torné á leer y á mirar las razones y pláticas que el Gómara en sus libros escribió, e vi que desde el principio y medio hasta el cabo no llevaba buena relación, y va muy contrario de lo que fué é paso en la Nueva-España (DIAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 15).

Tal percepção levou-o a reescrever a sua *Relación* inicial que resultou na *Historia Verdadera de los Sucesos de la Conquista de la Nueva-España*. Nela teve como meta relatar o que considerava como verdade, tratou de esclarecer os pontos de contradição que tinha encontrado na obra de Gomara, visto que foi testemunha presencial dos acontecimentos (DIAZ DEL CASTILLO, 1947, p. 14 - 15).

A intenção de Bernal Diaz manifesta-se claramente ao leitor no prólogo da sua obra:

[...] o que eu ouvi e vivenciei, como bom testemunho de vista, eu o escreverei; com a ajuda de Deus, tranquilamente, sem torcer nem para uma parte nem para outra, e porque sou velho de mais de oitenta e quatro anos e perdi a visão e a audição, e não tenho outra riqueza para deixar a meus filhos e descendentes, salvo esta minha notável relação [...] (DIAZ DEL CASTILLO, 1998, p. 51).¹

Essa preocupação levou Bernal Diaz a corrigir e a eliminar os exageros que continha o texto de Gomara, procurando, com isso, garantir o direito de reclamar, também ele, sua parte nas mercês reais (DIAZ DEL CASTILLO, 1998, p. 91).

Entre os exageros que denuncia em Gómara, encontra-se a exaltação de Cortés, ao qual era atribuído o status de herói da Conquista. A esse respeito Bernal Diaz faz muitas críticas. Para ele os agentes da conquista foram os espanhóis, particularmente os capitães, categoria da qual fazia parte. Procura destacar o aspecto coletivo sobre o individual afirmando, em vários momentos de importantes decisões, o papel dos soldados como conselheiros de Cortés. A título de exemplo, corrige os erros dos cronistas que não estiveram presentes na conquista, afirmando que a atitude de Cortés de afundar os onze navios, para evitar que os soldados se retirassem ou desistissem da conquista do Yucatan e voltassem para Cuba, ou para outros lugares, foi devido ao conselho dele próprio e dos soldados; portanto não foi uma decisão exclusiva de Cortés, segundo o relato

Na edição de Guillermo de Serés, este mesmo texto é apresentado da seguinte maneira: “ Estando escribiendo en esta mí corónica, acaso vi lo que escriben Gomara e Illesca y Jovio en las conquistas de Mejico y Nueva España, y desde las leí y entendí y vi de su polícia y estas mis palabras tan groseras y sin primor, dejé de escribir en ella[...]” (SERÉS, 1998, p. 89).

¹[...]lo que yo oí y me hallé en ello peleando, como buen testigo de vista, yo lo escribiré; con el ayuda de dios, muy llanamente, sin torcer a una parte ni a outra, y porque soy Viejo de más de ochenta y cuatro años y he perdido la vista y el oír, y por mi ventura no tengo outra riqueza que dejar a mis hijos y descendientes, salvo esta mi verdadera y notable relación[...] (DIAZ DEL CASTILLO, 1998, p. 51).

de Gomara¹.

Como pode ser percebido, por meio das referências apresentadas, a História de Bernal Diaz contesta a obra de Francisco Lopez de Gomara, oferecendo outra versão da história, na qual procura exaltar o próprio valor e o dos seus companheiros, no processo de conquista.

Encontramos outro exemplo de versão particular da história da Conquista na obra *Relación de la venida de los españoles y principio de la ley evangelica* do mestiço Fernando Alva Ixtlilxochitl. Segundo Elisa Angotti Kassovitch (1997, 114-116), Fernando Alva, filho do espanhol Juan Perez de Peraleda e da mestiça Ana Cortés, nasceu entre 1578 e 1580. Entre os seus antepassados, encontram-se Francisco Quetzalmamalintzin e Ana Cortés Ixtlilxochitl (bisavós) e Xiuhtotozin, tlatoani de Teotihuacan e Tecuhahuatzin, chamada após o batismo de Madalena (tataravós), dos quais herdou suas características nativas.

Em virtude dos estudos realizados no Colégio de Santa Cruz de Tlatelloco, dirigido pelos franciscanos, assimilou os valores da cultura cristã ibérica. Inserido nessa perspectiva, escreveu uma versão da Conquista do México, tarefa que justifica por não ter encontrado, nas obras existentes, referências ao papel desempenhado pelo seu povo e, particularmente, pelo seu antepassado Ixtlilxochitl - *infante legítimo del reino de Tezcoco* - que apresenta como o principal aliado de Cortés na Conquista do México (IXTLILXOCHITL, 1956, p. 197). Constatando essa ausência nas obras históricas anteriores, Fernando Alva redigiu a *Relación de la venida de los españoles y principio de la ley evangelica* na primeira metade do século XVII, e com o objetivo de registrar a memória do seu povo, particularmente a sua, destacando as realizações dos seus antepassados. Nela procura registrar o valor do seu povo, enquanto força aliada e fundamental, que colaborou na vitória dos espanhóis sobre as forças dos mexicas de Tenochtitlán (IXTLILXOCHITL, 1956, p. 235). Sobre essas ausências, Fernando Alva comenta:

[...] me espanta de Cortés, que sendo este príncipe o maior e mais leal amigo que teve nesta terra, que depois de Deus com sua ajuda e favor se

¹ Segundo vários cronistas, Cortés teria atado fogo aos navios para impedir o regresso dos soldados que haviam ido com ele na expedição que visava conquistar a Península do Yucatan. Conforme nota de Francisco Rico, esta versão deve-se ao interesse destes cronistas em aproximar a "figura" de Cortés a heróis clássicos, tais como: Agatocles, Timarco, Quinto Fábio Máximo, Juliano e outros, que de fato fizeram isto (DIAZ DEL CASTILLO, 1947, p.91).

ganhou, não deu notícia dele nem de suas lutas e dos seus heróicos feitos, se quer aos escritores e historiadores para que não ficassem sepultados já que não foi dado a ele nenhum prêmio/recompensa. [...] (IXTLILXOCHITL, 1956, p. 212 / A tradução é de nossa autoria)¹

Porém, ao longo dos seus escritos, é possível observarmos o quanto ele idealiza a participação do seu antepassado, e serve como exemplo a participação de Ixtlilxuchitl no decorrer da conquista de Tenochtitlán:

Desde que Cortés e os demais saíram de Texcuco, Ixtlilxuchitl foi com eles e esteve junto a eles em todos os oitenta e quatro dias que durou a guerra do México sem faltar em nenhum, sendo o primeiro em todas as ocasiões, como bom capitão, arriscando a sua vida muitas vezes para livrar os espanhóis dos seus inimigos os mexicanos que se não fora por ele e seus irmãos, houve ocasiões em que podiam tê-los matado sem que ficasse ninguém se não fora por ele e os seus, como tenho referido (IXTLILXOCHITL, 1956.P. 212/ a tradução é de nossa autoria)²

Em virtude dessa falta de referências nas obras históricas, entre outros motivos, Fernando Alva relata o papel desempenhado pelos indígenas aliados no processo de conquista. Mediante tal registro, além de fazer constar que as realizações do seu povo ficassem protegidas do esquecimento total, visava a conseguir também as concessões que lhe eram devidas, como uma espécie de pagamento pelos serviços prestados pelo seu povo aos conquistadores, conforme podia ser comprovado nas fontes fidedignas por ele utilizadas, tanto escritas como orais para compor a sua versão da história. Sobre elas comenta:

[...] os que escreveram ou pintaram, encontraram-se pessoalmente nessas ocasiões [e ainda] alguns deles me disseram, de viva voz, a forma como sucedeu, já que faz poucos anos que morreram, os quais eu os conheci quando já eram muito velhos (IXTLILXOCHITL, 1956, p.211-212/ a tradução é de nossa autoria)³

¹ [...] me espanta de Cortés, que siendo este principe el mayor y más leal amigo que tuvo en esta tierra, que después de Dios con su ayuda y favor se ganó, no diera noticia de él ni de sus hazañas y heroicos hechos siquiera a los escritores e historiadores para que no quedaran sepultados ya que no se lo dió ningún premio[...] (IXTLILXOCHITL, 1956, p. 212).

² Ixtlilxuchitl desde que salieron a Tezcuco Cortés y los demás vino con ellos, y se halló personalmente en todos los ochenta días que duró la guerra de Mexico, sin faltar uno solo, siendo el primero en todas ocasiones, como buen capitán, arriesgando su vida muchas veces por librar a los españoles de sus enemigos los mexicanos que si no fuera por él y sus hermanos, deudos y vasallos, hubo ocasiones en que podian matarlos sin que quedara uno tan sólo, si no fuera por él y los suyos, como tengo referido (IXTLILXOCHITL, 1956, p. 212).

³ '[...] los que las escribieron o pintaron, se hallaron personalmente a estas ocasiones' [e ainda] demas que algunos de ellos mo lo han dicho vocalmente y contado de la manera que sucedió que ya pocos años há que se han muerto, los cuales yo alcancé ya muy viejos[...] (IXTLILXOCHITL, 1956, p.

A mesma confiança nas fontes utilizadas para escrever outra versão própria de uma das fases da conquista é encontrada no mestiço Diego Muñoz Camargo, autor da *Historia de Tlaxcala*. Nela procura enfatizar a contribuição desempenhada pelos tlaxcaltecas no processo da conquista de Tenochtitlán. Como fontes, ele utiliza narrativas elaboradas, entre outros, por: Andrés de Olmos, Bernal Diaz del Castillo, Bernardino de Sahagún, Jerônimo de Mendieta, Toribio Motolinia, aos que acrescenta os relatos tlaxcaltecas escritos pelos primeiros aliados de Cortés.

Nascido em Tlaxcala em 1529, era filho do espanhol Diego Muñoz, que chegou ao México em 1524 com seus pais, e de uma índia tlaxcalteca, de nome desconhecido. Segundo Georges Baudot (1990, p. 440), Muñoz Camargo foi educado no México (Tenochtitlán) e não em Tlaxcala. Como resultado da educação recebida, em grande parte espanhola, já que cresceu entre estes, tornou-se conhecedor dos clássicos e da cultura hispânica difundida na sua época, fato que contribuiu para que se identificasse mais com os espanhóis do que com os tlaxcaltecas, aspecto que pode ser percebido, ao longo da sua obra ao destacar, no relato referente à sua infância, o desejo de ser exclusivamente espanhol¹. Em 1545 deixou o México e voltou a Tlaxcala, exercendo vários ofícios, entre os quais os de hospedeiro, vaqueiro, açougueiro e o de intérprete nos processos. A partir de 1580, levantou os dados que iriam resultar na elaboração da *História de Tlaxcala* cujo título exato é *Descripción de la ciudad y de la provincia de Tlaxcala en Nueva-España y en las Indias del Mar Oceano*.

Esse trabalho foi motivado pela incumbência recebida para responder às questões elaboradas pelo Conselho das Índias em 1577, por meio das quais a Coroa visava a obter descrições regionais dos territórios conquistados no Novo Mundo. Uma primeira versão da História de Tlaxcala foi terminada em 1585 e entregue por ele a Felipe II, por ocasião de uma viagem a Madrid. Após seu regresso a Tlaxcala, continuou reelaborando o texto, finalizado aproximadamente em 1595².

211-212)

¹ É comum ao longo da *Historia de Tlaxcala* Diego Muñoz Camargo usar expressões tais como “*nostros españoles*” procurando se identificar como espanhol e não como mestiço.

² A primeira versão foi identificada num manuscrito pertencente à Universidade de Glasgow, sendo editada em facsimile pela Universidade do México em 1981. A segunda, incompleta desde o século XVIII, encontra-se em Paris, na Biblioteca Nacional, na coleção Goupil Aubin, como manuscrito mexicano nº 210. A edição trabalhada por Georges Baudot provém deste manuscrito. Ao longo de ambas as versões, segundo Baudot é perceptível a parcialidade assumida pelo autor. Embora narre a história dos primeiros e “melhores” aliados de Cortés, não deixa de se posicionar como espanhol.

Ao compararmos a versão da história elaborada por Diego Muñoz Camargo com a escrita por Fernando Alva, deparamo-nos de imediato, com contradições e diferenças. Ambos têm Cortés como eixo da narrativa, porém, ao redor dele cada um destaca o seu povo respectivo, registrando a existência de fatos e personagens diferentes.

Nos escritos sobre a Conquista aqui apresentados, constatamos que cada autor possui a sua verdade e o seu uso da história para legitimá-la. Fazendo uso da história lutaram pelos seus interesses particulares, apresentando-se como homens de valor; isto é, como homens que serviram e foram fundamentais para que os propósitos da Coroa fossem efetivados. A história, para eles, torna-se um mecanismo de legitimar, tanto as realizações pessoais como as do grupo/categoria que representam. Por meio dela tornaram públicos os atos de bravura e heroísmo dos seus povos respectivos, construindo a própria memória histórica com a qual reivindicaram melhores tratamentos por parte da Coroa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO BAQUER, M. *La Generación de la Conquista*. Madrid: MAPFRE 1492, 1992.

CORTES, F. Cartas de Relación. In: VEDIA, Enrique de (ed.) *Historiadores Primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1946, p. 1-153.

DIAZ DEL CASTILLO, Bernal – Historia Verdadera de los Sucesos de la Conquista de la Nueva España. In: VEDIA, Enrique (ed.) *Historiadores Primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1947. Tomo II, p. 1- 317.

DIAZ DEL CASTILLO, Bernal – *Historia Verdadera de la Conquista de Nueva España*. SERES. G. (ed.) Barcelona: Plaza & Janés Editores, 1998.

FERNANDEZ, Diego *Crónicas del Peru*. Primera e segunda parte. Edição e prólogo de Juan Peres de Tudela Bueso. Madrid: Atlas, 1963. T.I 384 p. (B.A.E)

GARCILASO DE LA VEJA, Inca – Comentarios Reales de los Incas. In: *Obras Completas del Inca Garcilaso de la Vega*. Madrid: Atlas, 1960.

GONGORA MARMOLEJO, Alonso – Historia de Chile. In: ESTEVE BARBA, Francisco. *Crónicas del Reino de Chile*. Madrid: Atlas, 1960

IXTLILXOCHITL, Fernando Alva- Relación de la Venida de los españoles y principios de la ley evangélica. In: GARIBAY K, A.M. (ed.) *Historia General de las cosas de Nueva España*. Mexico D.F. : Porrúa, 1956. Vol. 4, p: 187-276.

JEREZ, Francisco – Verdadera Relación de la Conquista del Perú y Provincia del Cuzco, llamada la Nueva Castilla. In: VEDIA, Enrique de (ed.) *Historiadores Primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1947.

LOPEZ DE GOMARA, Francisco – *Historia de la Conquista de México*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

MARIÑO DE LOBERA, Pedro – Crónica del Reino de Chile. In: ESTEVE BARBA (ed.)

Crónicas del Reino de Chile. Madrid: Atlas, 1960.

MARTINEL GIFRE, E. *La Comunicación entre Españoles e Indios: Palabras y Gestos*. Madrid: MAPFRE 1492, 1992.

MUÑOZ CAMARGO, Diego – Historia de Tlaxcala, livro 12. In: BAUDOT, Georges; TODOROV, Tzvetan. *Relatos Aztecas de la Conquista*. México D.F.: Grijalbo, 1990, p.243-301.

POMA DE AYALA, Felipe Guamam – *Nueva Coronica y Buen Gobierno*. PEASE, Franklin, (ed.) Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

POMIAM, Krzystof L' Histoire de la Science et l'Histoire de la Histoire. In. *Annales E.S.C.* Paris: Armand Colin, 1975 n° 5 p. 935-952

RUI, Adailson José – A elaboração da História na Idade Média: o exemplo de Alfonso X, o Sábio. In: BONI, Luiz Alberto de. *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 211-217 (Coleção Filosofia, 112)

SESMA MUÑOZ , J. Ángel – La creación de La Memoria Historica, uma selección interesada Del pasado. In: IGLESIA DUARTE, José Ignacio de la (coord.) *Memoria, Mito y Realidad en la Historia Medieval*. XIII Semana de Estudios Medievales Najera 2002. Logroño: IER, 2003, p. 13-32

TANZI, H. J. Historiografia Americana. In: *Revista de Historia de America*. Mexico: Instituto Panamericano de Geografia e Historia nº 104. Julio-diciembre 1987, p. 65-112.

VALDIVIA, Pedro. Cartas. In: ESTEVE BARBA – *Crônicas del Reino de Chile*. Madrid: Atlas, 1960.

ZARATE, Agustin – Historia del Descubrimiento y Conquista de la Provincia del Peru. In: VEDIA, Enrique de (ed.) *Historiadores Primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1947, p. 459-574.